

Fake news e seus aspectos sociais e psicológicos

Fake news and its social and psychological aspects

Fake news y sus aspectos sociales y psicológicos

Alessandro Rodrigo Zanato¹

<https://orcid.org/0000-0002-4350-2129>

Terezinha Aparecida Campos²

<https://orcid.org/0000-0002-9180-3268>

Claudia Almeida Fioresi³

<https://orcid.org/0000-0002-1044-3863>

Marcia Borin da Cunha⁴

<https://orcid.org/0000-0002-3953-5198>

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná – Brasil. E-mail: alessandrorz@gmail.com.

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná – Brasil. E-mail: tcamposzto75@gmail.com.

³ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná – Brasil. E-mail: claudia.fioresi@uffs.edu.br.

⁴ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná – Brasil. E-mail: borin.unioeste@gmail.com.

Resumo

As *fake news* são um fenômeno contemporâneo, embora sua existência se faça presente em outros momentos da sociedade. A aceitação e o compartilhamento de *fake news* são intrigantes e desafiam a racionalidade. Como, então, explicar tal comportamento? Nesse contexto, apresenta-se um estudo teórico-reflexivo, com aportes da Psicologia, ancorados nos pressupostos de Freud (1921), Maffesoli (2010) e Pilati (2018), para compreender os motivos que levam as pessoas a acreditarem e compartilharem *fake news*. Serão abordados fatores como viés cognitivo, emoções e a dinâmica das redes sociais. O estudo destaca como as distorções cognitivas e o viés de confirmação levam indivíduos a acreditar em informações que reforçam suas crenças pré-existentes, sem considerar a veracidade dos fatos e das fontes. Ademais, analisa-se o impacto emocional das *fake news*, que, muitas vezes, exploram medos e desejos, facilitando sua aceitação e disseminação, e o papel das redes sociais, que amplificam a propagação de *fake news* devido às características de compartilhamento rápido e algoritmos que priorizam conteúdo sensacionalista. Conclui-se que a propagação de *fake news* é um fenômeno complexo, envolvido por processos psicológicos e sociais interligados. Para mitigar esse problema, é essencial o desenvolvimento de estratégias educativas que ajudem na conscientização sobre os vieses cognitivos e os impactos da *fake news*, além de promover uma abordagem crítica e responsável nas interações digitais.

Palavras-chave: Cognição. Comportamento humano. Efeito da mídia. Psicologia.

Abstract

Fake news is a contemporary phenomenon, although its existence can be traced back to other moments in society. The acceptance and sharing of false information is intriguing and challenges rationality. So, how can such behavior be explained? In this context, we present a theoretical and reflective study grounded in psychological frameworks, drawing upon the works of Freud (1921), Maffesoli (2010), and Pilati (2018), with the aim of understanding the underlying factors that lead individuals to believe in



and share fake news. This analysis addresses elements such as cognitive biases, emotional responses, and the dynamics of social media. The study highlights how cognitive distortions and confirmation bias drive individuals to accept information that reinforces their pre-existing beliefs, often disregarding the accuracy of facts and sources. Furthermore, it examines the emotional impact of fake news, which frequently manipulate fears and desires, thereby facilitating their acceptance and dissemination. It also considers the role of social media platforms in amplifying the spread of disinformation due to their rapid-sharing capabilities and algorithms that prioritize sensationalist content. We conclude that the spread of Fake news is a multifaceted phenomenon, shaped by interconnected psychological and social processes. To address this issue, it is essential to develop educational strategies aimed at raising awareness of cognitive biases and the implications of disinformation, while also promoting a critical and responsible approach in digital interactions.

Keywords: Cognition. Human behavior. Media effect. Psychology.

Resumen

Las fake news son un fenómeno contemporáneo, aunque su existencia esté presente en otros momentos de la sociedad. La aceptación y el compartimiento de información falsa son intrigantes y desafían la racionalidad. ¿Cómo, entonces, explicar tal comportamiento? En este contexto, presentamos un estudio teórico-reflexivo, con aportes de la Psicología, fundamentado en los presupuestos de Freud (1921), Maffesoli (2010) y Pilati (2018), con el objetivo de comprender las razones que llevan a las personas a creer y compartir fake news. Se abordan factores como los sesgos cognitivos, las emociones y la dinámica de las redes sociales. El estudio destaca cómo las distorsiones cognitivas y el sesgo de confirmación inducen a las personas a creer en informaciones que refuerzan sus creencias preexistentes, sin considerar la veracidad de los hechos ni la fiabilidad de las fuentes. Asimismo, se analiza el impacto emocional de las fake news, que con frecuencia explotan miedos y deseos, facilitando su aceptación y difusión. Se examina también el papel de las redes sociales, que amplifican la propagación de noticias falsas debido a sus características de compartición rápida y a los algoritmos que priorizan contenidos sensacionalistas. Concluimos que la propagación de fake news es un fenómeno complejo, en el que se entrelazan procesos psicológicos y sociales. Para mitigar este problema, resulta esencial el desarrollo de estrategias educativas que fomenten la concienciación sobre los sesgos cognitivos y los impactos de las fake news, así como la promoción de un enfoque crítico y responsable en las interacciones digitales.

Palabras clave: Cognición. Comportamiento humano. Efecto de los medios. Psicología.

1 Introdução

Nos últimos anos, o conceito de *fake news* tornou-se amplamente difundido, configurando um desafio significativo para a circulação de informações precisas e confiáveis. Entender as características e as dinâmicas das notícias falsas é essencial para promover uma formação crítica e a capacidade de avaliação das informações que chegam até nós.

O termo *fake news* refere-se a informações fabricadas ou intencionalmente distorcidas para aparentarem veracidade. Trata-se de uma ação premeditada, cujo objetivo é disseminar conteúdos falsos, distorcer fatos, e minar a credibilidade de pessoas, instituições ou eventos. Em muitos casos, esse tipo de manipulação visa influenciar a opinião pública, promover

agendas políticas específicas, ou prejudicar reputações de modo calculado (Frias Filho, 2018; Delgado; Milaré, 2022; Cunha, 2023).

Além da expressão *fake news*, outros conceitos correlatos têm ganhado destaque no cenário, como pós-verdade e *deepfakes*. De acordo com Cruz Júnior (2019) e Araújo (2020), vivenciamos um contexto marcado pela chamada pós-verdade, em que os fatos objetivos têm menor influência na formação da opinião pública do que apelos a emoções, crenças pessoais e valores culturais. Nesse panorama, a veracidade dos fatos é relativizada, cedendo espaço para narrativas que priorizam convicções subjetivas em detrimento da veracidade dos fatos.

Essa configuração demanda atenção, especialmente no campo científico, pois há o risco de que dados e evidências sejam relegados a um plano secundário no âmbito da pós-verdade, comprometendo o papel da ciência como fonte legítima de conhecimento e favorecendo movimentos de descrédito ao saber científico. A noção de Pós-verdade entrelaça-se com o fenômeno dos *deepfakes*, reforçando a complexidade envolvida na disseminação de *Fakes News* na era digital.

Deepfakes referem-se a conteúdos audiovisuais manipulados por tecnologias de inteligência artificial, capazes de simular com elevado grau de realismo com falas, expressões faciais e comportamentos de pessoas reais. Conforme explicam Vaccari e Chadwick (2020), essa tecnologia representa uma nova fronteira da desinformação, dificultando ainda mais a distinção entre fato ou *fake*, e agravando os desafios relacionados à credibilidade das informações compartilhadas em ambientes digitais.

Ademais, há um componente econômico associado à difusão de *fake news*, na medida em que o compartilhamento massivo e os cliques gerados por essas informações falsas podem resultar em ganhos financeiros para aqueles que as propagam. No contexto digital contemporâneo, as *fake news* apresentam um risco substancial à sociedade, uma vez que a facilidade de disseminação e o volume de informações que estão circulando nas redes sociais dificultam a identificação de fontes confiáveis.

Esse cenário ressalta a importância de fomentar uma consciência crítica e de implementar mecanismos eficazes para identificar conteúdos fraudulentos, visando à preservação da integridade informativa e à prevenção de manipulações em massa. Em um contexto contemporâneo caracterizado pela intensa e contínua circulação de informações,

torna-se imprescindível que os sujeitos desenvolvam habilidades para discernir entre fontes confiáveis e conteúdo distorcido.

Postula-se que as *fake news* têm origens históricas profundas. Exemplos notórios incluem a Revolta da Vacina, no Brasil em 1904, evento em que informações distorcidas fomentaram resistência e tumulto social (Cunha, 2023), e o famoso caso de Orson Welles em 1938. Neste último, a simulação radiofônica de uma invasão marciana na Terra gerou um nível de pânico generalizado nos Estados Unidos, evidenciando o poder das notícias falsas na manipulação das emoções e percepções públicas (Almeida, 2016; Meditsch, 2021).

Indubitavelmente, a influência de informações falsas abrange diversas esferas, incluindo a política, a economia, a ciência e a saúde pública, podendo gerar consequências amplas e complexas. Assim, o aprimoramento da capacidade de identificar e avaliar *fake news* configura-se como um elemento essencial para a construção de uma sociedade informada e consciente.

As motivações por trás da criação de *fake news*, que envolvem elementos científicos, revelam-se complexas e variadas, abrangendo desde tentativas de descredibilizar o conhecimento científico até a manutenção de lacunas no entendimento público. Esse tipo de desinformação facilita a manipulação da opinião pública, destacando a intricada dinâmica envolvida na propagação de conteúdos falsos que simulam fundamentos científicos.

Nesse sentido, apresentamos um estudo teórico-reflexivo, com aportes da Psicologia, ancorado nos pressupostos de Freud (*Psicologia das massas e análise do eu*, 1921), Maffesoli (*O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, 2010) e Pilati (*Ciência e pseudociência: por que acreditamos apenas naquilo em que queremos acreditar*, 2018). Propõe-se compreender os motivos que levam as pessoas a acreditar e compartilhar *fake news*, explorando-se como fatores de viés o meio cognitivo, as emoções e a dinâmica de redes sociais, que contribuem para a propagação de *fake news*.

Desse modo, inferimos que a disseminação de práticas de alfabetização midiática e informacional emerge como uma estratégia indispensável para enfrentar os desafios da era digital e promover ações para uma sociedade que valorize a veracidade e a ética na comunicação.

2 Fake news e os aspectos psicológicos do ser humano: por que acreditamos e compartilhamos informações falsas?

Atualmente, observa-se a coexistência de desafios globais de significativa complexidade, tais como as alterações climáticas, as tensões geopolíticas, as crises de natureza humanitária e política, bem como as crescentes ameaças e fragilidades no campo da segurança digital. Esses fenômenos exercem impactos abrangentes, afetando os âmbitos governamental, empresarial, educacional, de saúde e a sociedade em geral.

A interconexão entre esses fatores frequentemente exacerba seus efeitos, especialmente diante da polarização e controvérsia que caracterizam muitos debates e informações disseminadas. Esse cenário se torna ainda mais crítico com a utilização de *fake news* como instrumentos para consolidar posições radicais e ampliar divergências. Tal prática tem o potencial de provocar sentimentos de ansiedade, insegurança e desconfiança generalizada, dificultando a coesão social e a resposta coletiva a esses desafios.

De acordo com Almeida e Feitosa (2020), o crescimento das redes sociais tem sido expressivo, especialmente a partir da segunda década do século XXI, transformando significativamente a dinâmica social e digital da sociedade. Esse fenômeno é impulsionado por fatores como o anseio por liberdade de expressão, a necessidade de integração a grupos sociais, a promoção ou desconstrução da autoimagem, a busca por reconhecimento individual, o desejo de anonimato e o acesso a variadas formas de entretenimento. Esses elementos contribuem para a adesão massiva de usuários, consolidando as redes sociais como ferramentas essenciais na contemporaneidade.

Ademais, os aspectos psicológicos têm um papel significativo na disseminação e na aceitação das chamadas *fake news*. Processos cognitivos, como os vieses de negação, confirmação e seletividade de informações, influenciam os indivíduos a validar conteúdos que reforçam suas crenças prévias, independentemente de sua veracidade.

De acordo com Pilati (2018):

Podemos entender que as limitações mentais nos levam, facilmente, a acreditar em explicações que se distanciam da realidade. Mesmo assim, teimamos em acreditar. Não porque existe evidências de que a explicação seja boa, mas porque queremos acreditar. Tendemos a elaborar uma crença que explica algo e apenas após essa elaboração desenvolvemos justificativas para ela, já formada. Frequentemente, justificar uma crença significa buscar evidências que a confirme, cegando nossa sensibilidade para as evidências que não sustentam aquilo em que já acreditamos (Pilati, 2018, p. 14).

Nesta perspectiva, a predisposição humana para acreditar em explicações desconectadas da realidade está profundamente enraizada em nossas limitações cognitivas. Essa tendência não ocorre por uma avaliação racional das evidências disponíveis, mas sim por uma necessidade intrínseca de sustentar crenças que proporcionem conforto, sentido ou identidade.

Corroborando com o que Pilati (2018) afirma, a formação de uma crença frequentemente antecede qualquer tentativa de justificá-la. Nesse processo, os indivíduos constroem narrativas que atendem às suas expectativas ou desejos e, após essa construção, buscam evidências que sustentem essas narrativas.

Diríamos que aceitar informações que desafiem crenças já estabelecidas exige, por exemplo, esforço intelectual e emocional, o que pode ser desconfortável ou até ameaçador para a identidade do indivíduo. Assim, justificar crenças preexistentes se torna uma estratégia inconsciente para evitar o desconforto causado pela contradição.

Sem dúvida, estamos potencialmente diante de um fenômeno relacionado à cultura e à sua influência sobre a psique humana. O cérebro humano demonstra uma predisposição natural para assimilar, com maior facilidade, ideias que estejam em consonância com suas crenças e valores preexistentes, ao mesmo tempo em que tende a rejeitar aquelas que desafiam ou contradizem essas concepções (Pilati, 2018; Menezes, 2020).

Convicções cuja natureza intrínseca ou construção argumentativa impossibilita sua refutação ou consideração como falsas, denominadas por Pilati (2018) como crenças infalíveis. Quando os sistemas de crenças infalíveis se alinham aos grupos sociais que os sustentam, essa sinergia pode levar à manifestações extremas na busca pela validação das convicções.

De acordo com Santos *et al.* (2024), as emoções e as crenças exercem influência significativa na forma como as informações são interpretadas, facilitando a criação de contextos que agrupam indivíduos sob uma influência externa frequentemente manipulada. Esse fenômeno pode levar a atitudes precipitadas ou pouco fundamentadas, especialmente quando

ocorre em ambientes que não exigem interação presencial. Ademais, esses comportamentos apresentam um caráter paradigmático, pois a ampliação do número de aderentes a determinadas narrativas acaba por reforçar sua aceitação coletiva, frequentemente promovendo sua validação social, independentemente da precisão ou veracidade das informações difundidas.

Nesse contexto, Pilati (2018) explora como os escaninhos mentais são desenvolvidos para lidar com a dissonância cognitiva, possibilitando que os indivíduos mantenham sistemas de crença que, de outra forma, seriam considerados mutuamente exclusivos. Essas estruturas cognitivas organizam diferentes domínios de conhecimento, como saúde *versus* pseudociência ou ciência *versus* religião, facilitando uma coexistência aparente entre sistemas de crenças divergentes.

Os escaninhos mentais desempenham um papel fundamental na estabilidade psicológica ao permitir que indivíduos racionalizem e justifiquem a adesão a crenças distintas e, às vezes, conflitantes, sem comprometer seu equilíbrio cognitivo. Os escaninhos mentais oferecem uma estrutura teórica robusta para analisar e investigar, com rigor científico, de que forma crenças aparentemente incompatíveis podem coexistir e moldar os processos cognitivos dos indivíduos (Pilati, 2018, 2022).

Tais mecanismos mentais são fundamentais para entender como os seres humanos gerenciam a complexidade cognitiva e as contradições em suas vidas, oferecendo *insights* valiosos sobre a adaptação psicológica e a capacidade de manter a coerência pessoal em face de informações divergentes. A compreensão dos escaninhos mentais também tem implicações significativas para a psicologia cognitiva e social, destacando a flexibilidade e a plasticidade da mente humana na formação e na manutenção de sistemas de crença diversos.

A partir de reflexões sobre a psicologia das massas e a análise do eu (Freud, 1921; Sadala, 2022), é possível compreender melhor o fenômeno das *fake news*, uma vez que certos grupos sociais dependem da completa coesão, ou homogeneidade, para funcionar como uma massa coesa. Segundo Freud (1921), as massas são formadas por meio de um tipo particular de identificação, em que os indivíduos adotam um mesmo objeto como ideal do eu, resultando em uma identificação mútua entre eles.

Diante disso, somos instigados a revisitar obras de autores como Freud, que inseriu a reflexão psicanalítica no contexto da coletividade, enfatizando a relevância de se compreender o fenômeno das massas contemporâneas por meio das contribuições da psicanálise. A teoria da

psicologia das massas e a análise do “eu” emergem durante o período em que a Europa presenciou o surgimento do fascismo na Itália no ano de 1922 e do nazismo na Alemanha em 1933.

Por meio da análise das obras de Freud, é possível ponderar sobre a estrutura e a dinâmica dos grupos sociais, sobre os laços individuais e coletivos que conectam os membros às suas respectivas comunidades, e também sobre suas interações diante da diversidade. Tal reflexão é justificada pela complexidade inerente do ser humano, tanto individualmente quanto em sua dimensão coletiva, dentro de um vasto e multifacetado campo de ideias, afetos, cognições e comportamentos. Apoiando-se na teoria de que:

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é acrítica, o improvável não existe para ela. Ela pensa por imagens que se evocam umas às outras associativamente, tal como elas se apresentam ao indivíduo durante os estados de livre fantasiar [freien Phantasierens], e que não são medidas por nenhuma instância racional no que diz respeito à conformidade com a realidade. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exagerados. A massa não conhece, portanto, nem a dúvida nem a incerteza. Ela chega muito rapidamente a extremos; uma vez enunciada uma suspeita, esta se transforma para ela, de imediato, em certeza irrefutável; um gérmen de antipatia torna-se ódio selvagem. Inclinada ela mesma a todos os extremos, a massa também só é excitada por estímulos desmedidos (Freud, 1921, p. 114-115).

Enquanto um indivíduo se encontra imerso em um contexto de massa, ele experimenta uma sensação de invulnerabilidade e tende a adotar os impulsos e desejos coletivos de forma instintiva, resultando em comportamentos voláteis e excitáveis. Freud (1921) postula que o sujeito adquire, ao integrar-se a um grupo de massa, um sentimento de poder que o torna imbatível, o que pode ser prontamente manipulado e mobilizado por emoções intensas e extremadas, resultando em um comportamento irracional no qual os indivíduos são induzidos a acreditar e compartilhar *fake news* sem questionamento, agindo com base em seus afetos em detrimento da análise crítica da veracidade da informação.

As emoções suscitadas pelas *fake news* podem se disseminar em um ambiente coletivo, promovendo um senso de pertencimento a uma comunidade e levando os indivíduos a se identificar e se envolver com a *fake news*. Destaca-se que a emoção é um tipo de sentimento que emerge como uma reação a estímulos internos ou externos e está associada a estados mentais e físicos, que podem ser passageiras e variar em intensidade, englobando sentimentos como alegria, tristeza, raiva, medo, surpresa e amor, entre outros. Tais fenômenos

desempenham um papel significativo na regulação do comportamento humano, influenciando a tomada de decisões, a percepção subjetiva da realidade e a interação social. De acordo com Abjaude *et al.* (2020):

As "fake news" impactam na saúde mental do usuário das redes sociais, uma vez que são projetadas com o intuito de provocar uma forte resposta emocional do leitor que potencialize a possibilidade de compartilhamento da informação, como raiva, medo, ansiedade e tristeza. Reconhecer uma notícia como "fake news" também pode provocar sentimentos de raiva e frustração, especialmente quando o usuário começa a se sentir impotente diante das frequentes investidas de manipulação da opinião pública por meio de notícias falsas (Abjaude *et al.*, 2020, p. 2).

Ao se contemplar o cenário atual, observa-se que as *fake news* têm sido capazes de mobilizar grandes segmentos da população, especialmente apelando para o aspecto emocional. Pondera-se que as *fake news* podem exercer influência sobre a forma de ser e de se pensar, permeadas por percepções, imaginações e simbolismos.

É oportuno ressaltar que o conteúdo disseminado e consumido pelas pessoas desempenha um papel significativo na saúde mental. É bem estabelecido que muitas publicações nas redes sociais reforçam padrões narcisistas, estilos de vida e a busca por *status*, o que por sua vez está associado ao aumento de diversos transtornos psiquiátricos, incluindo sintomas depressivos, ansiedade e baixa autoestima (Abjaude *et al.*, 2020).

Maffesoli (2010) ilustra essa dinâmica da sociedade por meio da metáfora das tribos, as quais emergem de massas indiferenciadas em constante metamorfose e que não se vinculam a uma identidade fixa e estática, mas, ao contrário, são cada vez mais dinâmicas e mutáveis. Assim, a sociedade se estrutura por meio das interações que as pessoas estabelecem por vínculos afetivos.

Nessa perspectiva, a psicologia das massas e a análise do "eu" proporcionam uma estrutura conceitual que possibilita reconhecer paralelos em relação à cultura de massas mencionada por Maffesoli (2010). As pessoas estão buscando conexões mais próximas e autênticas, muitas vezes organizados em torno de interesses comuns, estilos de vida compartilhados, afirmações que reforçam suas convicções e afinidades.

Na figura 1, é evidenciado ilustrativamente como a tecnologia pode amplificar a disseminação de informações, além de suscitar questionamentos sobre como os seres humanos

processam e interpretam essas informações.

Figura 1 – *Fake news* e a tecnobarbárie.



Fonte: Disponível em <https://vermelho.org.br/coluna/fake-news-e-a-tecnobarbarie/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

A expressão "tecnobarbárie" sugere uma fusão intrigante entre a tecnologia contemporânea e a ideia de barbarismo, remetendo um retrocesso cultural ou ético. Quando relacionada ao fenômeno das *fake news*, ela descreve como a propagação de informações falsas e enganosas se vale das plataformas digitais e das ferramentas tecnológicas para alcançar um público amplo e facilmente influenciável.

Neste sentido, a análise de Maffesoli (2010) sobre as tribos, revela que tais grupos constituem espaços nos quais os indivíduos encontram um sentido de pertencimento e solidariedade, estabelecendo laços sociais significativos em um contexto marcado pela crescente fragmentação e individualismo. O autor percebe essas formas de agrupamento como uma resposta à alienação presente na vida urbana e à desintegração das comunidades tradicionais, oferecendo um sentimento de coletividade e identidade compartilhada em meio ao contexto em que estão inseridos.

A correlação com as *fake news* pode ser identificada na maneira como os indivíduos se agrupam e interagem, tornando-se difíceis de serem identificadas, especialmente para aqueles com baixo nível de alfabetização digital ou crítica. Além disso, as redes sociais e algoritmos de recomendação, muitas vezes, promovem conteúdos sensacionalistas e polarizadores, ampliando ainda mais o alcance das *fake news* e alimentando bolhas de filtro que reforçam visões extremas e polarizadas.

As *fake news* frequentemente encontram disseminação dentro desses agrupamentos, nos quais os participantes compartilham convicções e valores comuns ao grupo. Esses ambientes de coesão podem intensificar a propagação de *fake news*, dado que os membros tendem a aceitar informações que corroboram suas perspectivas e identidades compartilhadas.

Adicionalmente, esses grupos podem fomentar um clima de confiança recíproca entre seus membros, o que torna possível aumentar a propensão a compartilhar e acreditar em conteúdos não verificados ou tendenciosos. Dessa forma, a dinâmica social e virtual exerce influência sobre a disseminação das *fake news* e sua aceitação.

É relevante destacar que a influência das *fake news* em grupos sociais pode acarretar diversas repercussões psicológicas. Inicialmente, a propagação e a aceitação e tipo de informação podem fortalecer convicções pré-existentes e gerar uma sensação de validação entre os membros do grupo. Este fenômeno pode culminar em uma redução da receptividade a informações contraditórias e à capacidade de reflexão crítica, favorecendo uma mentalidade dicotômica de "nós contra eles".

Além disso, a confiança mútua dentro desses grupos possibilita aumentar a propensão dos membros a aceitarem as *fake News* sem questionamentos, mesmo quando confrontados com evidências contrárias. Isso pode levar a um ciclo de confirmação de viés, no qual as pessoas buscam se expor apenas a informações que confirmam suas crenças e evitam informações que as desafiam. Tudo isso dá ao indivíduo a sensação de conforto e pertencimento.

Infere-se que o consumo de *fake news* pode provocar alterações na saúde mental do indivíduo, evidenciadas pelo aumento da ansiedade e da angústia, resultando em um estado de tristeza e desânimo. Adicionalmente, dependendo da natureza da informação falsa, existe a possibilidade de desencadear sintomas depressivos e até ideias suicidas, principalmente durante a transição da adolescência para a vida adulta.

Concorda-se com Xavier *et al.* (2021) a respeito da ideia de que os jovens são considerados um grupo de alto risco para o comportamento suicida, destacando-se a importância de estudar e entender os fatores que influenciam esse fenômeno. Segundo Xavier *et al.* (2021):

A era tecnológica teve seu início simultâneo ao nascimento de milhares de pessoas, que imersas nesse contexto foram chamadas pela literatura de “nativos digitais”. Sendo assim, os adolescentes atuais cresceram permeados pela tecnologia e não é possível definir suas consequências finais de modo certo. Sabe-se que os nativos digitais são o maior público consumidor da internet e torna-se uma questão preocupante e importante entender como que essas pessoas em fase de considerável desenvolvimento são afetadas pelo contexto tecnológico (Xavier *et al.*, 2021, p. 28).

Pode-se inferir que a relação entre os indivíduos e as *fake news* é significativa devido à extensão da imersão no ambiente digital. A familiaridade com a tecnologia pode influenciar a habilidade em identificar e filtrar informações falsas. No entanto, essa mesma familiaridade também possibilita aumentar a suscetibilidade dos indivíduos em acreditar em conteúdos falsos, principalmente quando apresentados de maneira convincente ou em consonância com suas crenças prévias.

Considera-se, na presente pesquisa, que o cerne da questão não está apenas na própria mídia, mas também na maneira como ela é utilizada e nos conteúdos que são compartilhados. Por exemplo, casos como o apresentado na figura 2 podem causar consequências devastadoras e/ou danos irreparáveis.

Figura 2 - Fake news nas redes sociais leva à morte de jovem.



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jtJ4qu4kA94>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Este trágico episódio ilustra os impactos devastadores que as *fake news* podem exercer na vida das pessoas. Após ser exposta na *internet* por suposta *fake news*, a jovem pode ter enfrentado uma intensa e desproporcional repercussão negativa nas redes sociais. Esta avalanche de críticas e hostilidades virtuais, somada aos possíveis conflitos emocionais, a levou

a um estado mental intolerável, resultando no trágico desfecho de por fim à própria vida.

Diante disso e de tantos outros eventos, a preocupação com as *fake news* não é infundada. De acordo com Brando (2018), as *fake news* e as redes sociais impactam dois vieses cognitivos: o viés da confirmação, em que as pessoas tendem a defender suas próprias convicções; e o viés de grupo, em que preferem informações que confirmem suas opiniões.

Isso leva à aceitação acrítica de *fake news* alinhadas com suas crenças, opiniões e hipóteses, aumentando sua propagação nas redes sociais. Segundo Pilati (2018), tal observação é verificável em decorrência da adesão às crenças desejadas, o que implica na validação das preconcepções sustentadas para interpretar a realidade mediante a busca por evidências corroborativas.

Ainda, as *fake news* atuam como um impulso para sustentar o sentimento de pertencimento e afinidade com o grupo. Quando a prioridade é fortalecer esse vínculo de pertencimento, é provável que as *fake news* alinhadas a essa dinâmica sejam aceitas acriticamente como informações confiáveis (Brando, 2018; Maffesoli, 2010).

Consequentemente, como um fenômeno social midiático, as *fake news* têm sido associadas à deterioração da saúde mental, à manipulação das percepções individuais e coletivas, à restrição do processo de autoconhecimento e identificação pessoal, e à diminuição da liberdade de tomada de decisão entre os indivíduos que as recebem e as propagam.

Reiterando, as *fake news* não são fenômenos novos: trata-se de uma prática que remonta à Primeira Guerra Mundial. No entanto, de acordo com Marques (2020), observa-se uma tendência crescente na disseminação em larga escala por meio das redes sociais com o objetivo de reproduzir informações provenientes tanto de fontes consideradas confiáveis quanto de fontes não confiáveis.

A realidade é que as redes sociais se integraram tão profundamente ao dia a dia que frequentemente não são consideradas as consequências. Em questão de minutos, milhões de pessoas podem ser expostas: não há limites geográficos – qualquer lugar e/ou qualquer um pode ser alvo de *fake news*.

3 Conclusão

Considerando os aspectos psicológicos que influenciam a crença e o compartilhamento de *fake news*, é possível concluir que a tendência humana de acreditar em informações falsas está profundamente ligada a mecanismos cognitivos e emocionais, como a busca por confirmação de crenças pré-existentes e a influência das emoções na tomada de decisão.

O viés de confirmação, por exemplo, leva as pessoas a buscar informações que corroboram suas visões de mundo, ignorando ou descartando evidências contrárias. Além disso, a emoção, especialmente o medo e a raiva, exerce um papel crucial, pois notícias alarmantes ou sensacionalistas ativam áreas do cérebro ligadas à resposta emocional, tornando as *fake news* mais impactantes e memoráveis. Outro fator relevante é a pressão social e a necessidade de pertencimento a grupos, que impulsionam o compartilhamento de conteúdos, mesmo sem a verificação de sua veracidade.

Inferese-se que a crença e o compartilhamento de *fake news* não são apenas uma questão de ignorância ou falta de educação, mas uma interação complexa entre fatores sociais, psicológicos e cognitivos. É necessário um esforço coletivo para promover a conscientização sobre esses processos e desenvolver estratégias de intervenção que incentivem uma abordagem mais crítica e reflexiva frente às informações consumidas, evitando-se a propagação massiva de *fake news*. Para mitigar esse problema, é fundamental a criação de estratégias educativas que promovam a conscientização acerca dos vieses cognitivos e dos efeitos da *fake news*, além de incentivar uma postura crítica e responsável nas interações digitais com o objetivo de enfrentar a disseminação de *fake news*.

Referências

ABJAUDE, S. A. R. *et al.* Como as mídias sociais influenciam na saúde mental?. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 1, p. 1-3, mar. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 ago. 2024.

ALMEIDA, G. B. C.; FEITOSA, R. C. A. Os efeitos das *fake news* e as repercussões psíquicas na vida humana e da sociedade. **Revista Fontes Documentais**, Aracaju, v. 3, Edição Especial: Medinfor Vinte Vinte, p. 289-295, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/57808/31040>. Acesso em: 13 ago. 2024.

ALMEIDA, V. R. S. F. **Meios de comunicação e mudanças na política**: Estes homens poderosos e suas máquinas de comunicar. 2016. 440 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26512/2016.04.T.20930>. Acesso em: 5 set. 2024.

ARAÚJO, C. A. Á. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. **Em Questão**, v. 27, n. 1, p. 13-29, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4656/465666113002/html/#fn1>. Acesso em: 5 set. 2024.

BRANDO, M. S. Alguns aspectos psicológicos e jurídicos das *fake news*. **PLEB - Pesquisa sobre Liberdade de Expressão no Brasil**. 2018. Disponível em: <https://www.plebpuc.science/post/alguns-aspectos-psicol%C3%B3gicos-e-jur%C3%ADdicos-das-fake-news>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CRUZ JUNIOR, G. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. **ETD- Educação Temática Digital Campinas**, v. 21, n. 1, p. 278-284, jan./mar. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330302016_Pos-verdade_a_nova_guerra_contra_os_fatos_em_tempos_de_fake_news. Acesso em: 10 jul. 2024.

CUNHA, M. B. Fato ou Fake? E o que mais?. **Ilha do Conhecimento**. 2023. Disponível em: https://ilhadoconhecimento.com.br/fato_fake/. Acesso em: 4 nov. 2024.

DELGADO, K. P.; MILARÉ, T. *Fake News* e ensino de ciências: compreensões e discussões para o ensino e a pesquisa. **Ciencia, Docencia y Tecnología**, v. 33, n. 65, 2022. Universidad Nacional de Entre Ríos. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/145/14571988004/html/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Edição do Kindle. São Paulo: Autêntica, 2020.

FRIAS FILHO, O. O que é falso sobre *Fake News*. **Revista USP**, [S. l.], n. 116, p. 39-44, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146576>. Acesso em: 8 nov. 2024.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

MARQUES, R. Fake news: Influência na saúde mental frente à pandemia da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 8, p. 42-47, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3941308. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/94>. Acesso em: 22 out. 2024.

MEDITSCH, E. Rádio e Pânico, 1998: na análise da invasão marciana, a primeira experiência de pesquisa em rede. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 12, n. 2, p. 135-153, nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/5095>. Acesso em: 22 out. 2024.

MENEZES, M. M. S. **Publicar é preciso, checar não é preciso**: o impacto das fake news no comportamento dos consumidores de notícias online. 2020. 215 f. Dissertação (Mestrado em

Ciências da Comunicação), Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/37263/1/202731626.pdf>. Acesso em: 22 out. 2024

PILATI, R. **Ciência e pseudociência**: por que acreditamos apenas naquilo em que queremos acreditar. São Paulo: Contexto, 2018.

PILATI, R. Entrevista concedida a Gustavo Rick Amaral e Beatriz Vera. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, p. 51-74, jan./jun. 2022. Disponível em: [dx.doi.org/10.23925/1984-3585.2022i25p51-74](https://doi.org/10.23925/1984-3585.2022i25p51-74). Acesso em: 16 jun. 2024.

SADALA, G. “Psicologia das massas e análise do eu”: pontuações e atualizações. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 14, n. spe, p. 17-26, abr. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912022000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 8 nov. 2024.

SANTOS, D. R. *et al.* Influência de *fake news* em representações mentais de estudantes sobre ciência. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 2458-2481, jan. 2024. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/66884/47678>. Acesso em: 10 ago. 2024.

VACCARI, C., CHADWICK, A. Deepfakes and disinformation: Exploring the impact of synthetic political video on deception, uncertainty, and trust in news. **Social Media + Society**, v. 6, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2134/11548140.v1>. Acesso em: 3 nov. 2025.

XAVIER, D. F. *et al.* Influência midiática sobre o comportamento suicida na adolescência: um fator de risco ou proteção? **Revista Espaço Acadêmico/Faculdade Multivix Serra**, v. 11, n. 3, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2022/10/revista-espaco-academico-v11-n03-completa.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2024.

Enviado em: 05/12/2024

Revisado em: 10/05/2025

Aprovado em: 12/05/2025